

## ***Cyberbullying* e violência na rede: relações entre poder e desenvolvimento no litoral do Paraná<sup>1</sup>**

Clóvis WANZINACK<sup>2</sup>

Clóvis REIS<sup>3</sup>

Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, SC

### **Resumo**

Este trabalho buscou refletir sobre o *cyberbullying* (violência propagada na rede de computadores) em escolas públicas do litoral paranaense e sua relação com poder e desenvolvimento. Foi desenvolvida pesquisa quali-quantitativa com 1000 estudantes do 5º ao 9º ano de três municípios da região (Morretes, Paranaguá e Guaratuba). O trabalho evidenciou alta prevalência de *cyberbullying* nos relatos dos estudantes, destacando como categorias emergentes a partir da pesquisa qualitativa, situações de violência nos meios virtuais envolvendo aspectos: 1) de gênero, 2) de corpo, 3) de raça/etnia e 4) de classe social. A partir dos resultados, problematiza-se a questão das relações entre violência, mídia, poder e desenvolvimento.

**Palavras-chave:** *Cyberbullying*; violência; comunicação; educação; desenvolvimento.

### **Introdução**

A região litorânea do Paraná é composta por sete municípios: Antonina, Guaraqueçaba, Guaratuba, Matinhos, Morretes, Paranaguá e Pontal do Paraná. Uma região fragilizada, com baixos indicadores socioeconômicos, de saúde, de educação e IDH, considerando a realidade do Estado do Paraná. Demonstra um panorama socioeconômico muito semelhante a diversas outras regiões do interior do País, marcadas por desigual repartição de renda com enorme carência de serviços públicos efetivos, que não dão conta de atender as demandas da região. Sem querer entrar em determinismos e sem querer assimilar a pobreza com violência, percebe-se que em conjunturas como estas, assinaladas por circunstâncias de amplas iniquidades sociais e lacunas do aparato Estatal, vêm à tona problemas como (re) produção de diversos tipos de preconceitos e violências, que podem iniciar ou se intensificar no ambiente escolar. (WANZINACK, 2014a).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Administrador e Doutorando em Desenvolvimento Regional da Universidade Regional de Blumenau - FURB, email: [cloviswa@gmail.com](mailto:cloviswa@gmail.com).

<sup>3</sup> Jornalista, Professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (Mestrado e Doutorado) da Universidade Regional de Blumenau (FURB). email: [professorclovisreis@gmail.com](mailto:professorclovisreis@gmail.com).

O desenvolvimento de uma região, para ser considerado sustentável precisa garantir a consolidação dos direitos e das condições humanas e reduzir a exclusão e distância social entre grupos sociais; garantir a gestão econômica mais eficiente, de modo que esta permita ganhos a todos os atores do processo; garantir a conservação da natureza, através da limitação dos usos dos recursos naturais, de maneira que o consumo seja direcionado às reais necessidades e não ao desperdício e garantir equidade no desenvolvimento dos territórios e sujeitos (SACHS, 1986; SEN, 2010; ZHOURI E OLIVEIRA, 2007; ZALUAR E LEAL, 2001).

Um tema complexo, que se constitui em significativo desafio ao desenvolvimento, especialmente em regiões e países emergentes, como é o caso do Brasil, refere-se à questão da violência (ZALUAR E LEAL, 2001). Recentes estudos vêm apontando a relação entre violência e desenvolvimento (PERES *et al.*, 2008; RIBEIRO *et al.*, 2009). Apesar da polissemia do termo, complexidade, multicausalidade e distintas formas, neste estudo será focalizada uma modalidade específica de violência que vem cada vez mais repercutindo na rede mundial de computadores. Trata-se do *cyberbullying*, que atinge distintos grupos e pessoas, possui interface significativa com o campo da comunicação, e é considerado um grande desafio na atualidade, particularmente no cenário das escolas e com população jovem e adolescente (CEATS, 2010; GOMES e SANZOVO, 2013). Este trabalho busca, portanto, tecer reflexões a respeito das relações entre *cyberbullying*, comunicação, poder e o desenvolvimento regional, tendo o ambiente escolar como cenário de estudos e explorando as particularidades do território do litoral paranaense, como local de desenvolvimento da pesquisa.

O enfoque do papel da mídia na construção do significado da violência é de extrema importância, com sua função socializadora de conhecimentos e transmissão de informações e valores que passam às crianças e adolescentes. Compreender melhor os mecanismos de socialização de informações que a mídia favorece é uma forma de se estudar a própria percepção de violência, pois quando os meios de comunicação se apropriam, divulgam, socializam ou banalizam os atos da violência, estão atribuindo-lhes um sentido que circula socialmente, podendo induzir prática repetitiva à violência. (RONDELLI, 1997, NJAINE, 2004).

Da mesma forma que as redes sociais facilitam a comunicação, interação e troca de conhecimento entre as pessoas, elas podem também ter um efeito de influenciar

comportamentos tanto de forma construtiva quanto de modo contraproducente. Em alguns casos, podem incitar determinadas atitudes, podendo gerar violências<sup>4</sup> que se propagam tanto no âmbito virtual, através de mensagens agressivas (verbais, escritas ou imagens), quanto ser externalizada a outras pessoas sob forma de agressões físicas presenciais.

Como aportes teóricos, foi dada ênfase a autores que dialogam com, sobre e na temática, tais como (entre outros): Milton Santos (1978), que aborda a questão do território e Raffestin (1993) que articula território com relações de poder. Também Pierre Bourdieu (1989), que traz a noção de violência e poder simbólico; Norbert Elias (1993; 1997) sobre o que denominou o *ethos* guerreiro; Amartya Sen (2010) que versa a respeito do desenvolvimento como liberdade e questão de direitos humanos; Castells (2013), que cita sobre as novas redes de territórios virtuais e Alba Zaluar e Maria Cristina Leal (2001), sobre a violência no contexto escolar e sua relação com desenvolvimento.

A violência atinge homens e mulheres de diferentes maneiras, estando atualmente entre as maiores causas de hospitalização, deficiências e mortalidade em muitos países do mundo, incluindo o Brasil (WAISELFISZ, 2014). As diferentes manifestações de violência ocasionam, além dos transtornos a quem sofre diretamente dela, grande ônus a toda população, uma vez que grande parte de ações, políticas e recursos de um país são destinados às medidas de prevenção e contenção dessa manifestação. Diversos estudos têm evidenciado as implicações econômicas da violência (MEDEIROS, 2005; VILLAGÓMEZ, 2005;).

As implicações para jovens e adolescentes expostos à violência praticada na rede de computadores ou que sofrem de violência no ambiente escolar, refletem-se em dificuldade de concentração, queda do desempenho escolar/acadêmico e medo frequentar o ambiente escolar (MALDONADO, 2011; RIBEIRO *et al.*, 2009). Em outros casos acarreta danos à autoestima e saúde mental, podendo ocasionar desinteresse pelos estudos, causando evasão escolar. Frente a esse cenário, ressalta-se que estudos que tenham como foco a questão da violência em suas articulações com o contexto escolar, em recortes territoriais específicos, necessitam ser aprofundados. Medidas tornam-se, portanto, necessárias ao enfrentamento da questão, especialmente a proposição e implementação de políticas públicas que fomentem o ambiente escolar como espaço privilegiado para minimização de violências.

---

<sup>4</sup> A Organização Mundial de Saúde (OMS), citado por Minayo (2005, p. 19) conceitua violência como “o uso da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha qualquer possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação”.

Tais estratégias só serão possíveis por meio do estudo de cenários específicos, que buscam entender o particular de determinada região.

A violência é um fenômeno complexo e que repercute no desenvolvimento de municípios, regiões, Estados e países. Constitui-se em objeto interdisciplinar de pesquisa, com necessidade de ações intersetoriais (MINAYO E SOUZA, 1998). O ambiente escolar é parte responsável pelo ensino de uma socialização entre estudantes e a sociedade. Portanto a educação atenta à esta problemática é questão *sine qua non* para minimização e superação de qualquer ato de violência que possa se manifestar dentro do ambiente escolar. É preciso assegurar não apenas estratégias preventivas e de intervenção, mas também estratégias de promoção de comportamentos sociais adequados no âmbito virtual. (SANTOS *et al.*, 2012).

### **Metodologia**

A violência é um dos maiores desafios para a agenda do desenvolvimento brasileiro e o espaço escolar se configura em campo onde essa problemática emerge com cada vez mais intensidade. Esta pesquisa focou-se nas intersecções entre a violência no âmbito escolar (*bullying*), com destaque para a violência virtual (*cyberbullying*) e percepções de discentes da Educação Básica sobre a problemática, almejando subsidiar estratégias para sua prevenção, contribuindo assim, com o desenvolvimento regional.

A pesquisa iniciou-se em 2012 como projeto de iniciação científica da Universidade Federal do Paraná e vem se solidificando no programa de pós-graduação em nível de doutorado em Desenvolvimento Regional, pela Universidade Regional de Blumenau – FURB. Neste artigo será descrito parte desses resultados, mais especificamente relacionados ao eixo desenvolvido com alunos e alunas da Educação Básica de três municípios do litoral paranaense.

Trata-se de um estudo exploratório transversal de caráter qualitativo e quantitativo, realizado no segundo semestre de 2013. A amostragem foi constituída por mil (n=1000) estudantes da rede pública de ensino dos municípios de Morretes, Paranaguá e Guaratuba (PR). As idades dos participantes variaram entre 10 a 17 anos, que responderam anônima e voluntariamente a um formulário de pesquisa contendo 29 questões objetivas e discursivas, sendo elaborado e testado previamente (pré-teste), a respeito da violência no contexto escolar (*bullying*), *cyberbullying* e seus desdobramentos. Os dados quantitativos foram tabulados em uma base de dados online e analisados mediante estatística descritiva,

enquanto os dados qualitativos foram transcritos e analisados tematicamente a partir de categorias emergentes, seguindo a metodologia proposta por Gomes e Minayo (1994).

Neste artigo será dada ênfase no recorte da pesquisa focalizando os resultados obtidos pela metodologia qualitativa, para dar ouvidos aos entrevistados, através de significados, crenças, valores e angústias dos adolescentes analisando seus discursos (NJAINE, 2004).

## **Resultados e discussão**

Uma das implicações negativas trazidas pelo avanço da internet consiste na reprodução de violências nos meios virtuais, ainda pouco discutidas e estudadas. Consiste em um fenômeno recente, que ocorre e se dissemina através dos meios de comunicação. Nessa nova cultura de interação tecnológica digital globalizada do século XXI, criam-se novos comportamentos, novas formas de relacionamentos, novas crenças, valores éticos, morais e inevitavelmente novos conflitos.

Segundo Wanzinack (2014b), situações repetitivas de violência vêm ocorrendo com cada vez mais frequência no meio virtual, principalmente nas redes de interações social. Geralmente se dão através de mensagens de texto utilizando da coerção psicológica com finalidade de ameaçar, perseguir, coagir ou amedrontar, ou ainda por meio da propagação de imagens/vídeos que expõem situações íntimas ou constrangedoras (prática denominada *sexting*). Esse comportamento agressivo, repetitivo e intencional vindo sendo intitulado *cyberbullying* ou *bullying* virtual. Tal comportamento pode partir individualmente ou em grupos e se configura em danos psicológicos à vítima. Este tipo de violência também se diferencia das agressões presenciais, devido ao fato de o agressor ou a agressora não precisarem ser mais fortes fisicamente que a vítima. Por outro lado, enquanto uma situação de violência presencial fica circunscrita ao momento do conflito, a violência virtual tende a se propagar pela rede mundial de computadores como um “vírus”, ganhando uma abrangência maior, e conseqüentemente expondo a vítima, podendo atingir os diversos cantos do planeta. Por este motivo, fenômenos como este vêm sendo denominado de “viralização”, sendo comum a propagação via redes sociais.

A partir da pesquisa de campo, realizada com 1000 estudantes de escolas públicas do litoral do Paraná, utilizando-se de métodos qualitativos, e após os dados subjetivos provenientes das questões abertas serem transcritos e tabulados, destacaram-se quatro categorias emergentes relacionadas às práticas de *cyberbullying* no ambiente escolar do

território em relevo: 1) de gênero, 2) de corpo, 3) de raça/etnia e 4) de classe social. Alguns excertos dessas categorias, trazidos do trabalho de pesquisa qualitativa com os estudantes, são ilustrados na Tabela 1. Tendo como finalidade discutir e dialogar sobre as categorias emergentes com autores que versam sobre os respectivos temas, será feita uma discussão sobre cada um desses aspectos.

Tabela 01: Principais categorias e exemplos de narrativas dos participantes da pesquisa, propagadas pela internet via redes sociais (n=1000 estudantes).

<b>Categoria emergente</b>	<b>Número de relatos</b>	<b>Exemplos de relatos concernente à categoria</b>
Gênero	n= 48	Estudante 132. <i>“Eles me xingam de v...”</i> Estudante 284. <i>“A minha amiga já me chamou de lésbica gorda por ficar atrás das pessoas e abraçada com as meninas”</i>
Corpo	n=392	Estudante 36. <i>“Comigo aconteceram várias coisas tipo: me xingam de gorda, feia, etc e dão apelidos maldosos”</i> Estudante 143. <i>“Me xingaram de corcunda”</i> Estudante 163. <i>“Eles sempre me chamam de baleia, sapão e outras coisas”</i> .
Raça/Etnia	n= 140	Estudante 137. <i>“Xingavam o meu amigo de macaco”</i> . Estudante 140. <i>“Na verdade, não acho isso certo pois brincam com a minha cara só por causa do meu cabelo me chamam de Biro-biro, miojo, macarrão, etc. Por causa da cor do meu cabelo loiro, falam que sou burra, que falo sem pensar. Não gosto disso”</i> . Estudante 244 – <i>“me chamam de índio”</i>
Classe social	n= 130	Estudante 103 – <i>“elas falam que eu sou pobre... odeio o que elas fazem, isso me faz sofrer”</i> Estudante 734. <i>“Já me chamaram de gorda e de pobre”</i> .

Fonte: autores, 2015.

A Tabela 1 sintetiza as principais categorias emergentes, ilustrando algumas narrativas, provenientes da etapa qualitativa com relação às práticas de *cyberbullying* vivenciadas pelos estudantes pesquisados. Chama atenção o fato de a maioria absoluta dos relatos de *cyberbullying* envolverem violência verbal, uma modalidade de violência ligada

ao campo da mídia. A violência verbal é caracterizada por xingamentos, ofensas, ameaças e injúrias, que desqualificam os sujeitos, denotando relações assimétricas de poder (ADEODATO *et al.*, 2005; DESLANDES *et al.*, 2000; NJAINE, 2004).

Essas relações de poder são constitutivas da sociedade porque aqueles que detêm o poder constroem as instituições segundo seus valores e interesses. Tais relações de poder podem ser exercidas por meio de coerção (o monopólio da violência). Violência essa empregada pelo processo de torturar corpos e moldar mentalidades de uma classe social menos privilegiada, explorada, ignorada ou mal representada. (CASTELLS, 2013).

Um dos quesitos que apareceram com bastante frequência nos relatos foi relacionado às questões de gênero. Joan Scott (1990) propõe a categoria gênero como um elemento constitutivo de relações sociais construídas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, sendo ele um primeiro modo de dar significado às relações de poder. Para Scott, gênero é constituído por relações sociais, estas estão baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e, por sua vez, constituem-se no interior de relações de poder.

Do total de estudantes abordados, 48 relataram já ter sofrido com questões relacionadas à violência de gênero nos meios virtuais, que incluem na maioria de vezes discriminação relacionada à orientação sexual. Sendo que tal prática de homofobia/lesbofobia/transfobia tem se tornando cada vez mais agressiva e constante nas redes sociais. Todavia, deve-se refletir para o fato de que os participantes da pesquisa não foram informados sobre o que se considera violência, ou seja, os relatos são provenientes de suas próprias concepções de violência. É possível que muitos não considerem o fato de serem chamados de “viado” ou “sapatão”, e da própria violência verbal, como uma modalidade legítima de violência. Como a homofobia é tão internalizada na sociedade, sendo comuns as piadas homofóbicas inclusive em horário nobre da televisão, acredita-se que muitos sujeitos não considerem a violência verbal homofóbica como uma modalidade de violência. E é por isso que o número de 48 relatos em mil merece ser considerado significativo.

Por outro lado, o relato mais comum relacionado à prática de *cyberbullying* é relacionado ao corpo. O corpo é visto como a corte de julgamento final sobre o que somos ou o que podemos nos tornar. Nossos corpos constituem-se na referência que ancora, por força, a identidade. Aparentemente se deduz uma identidade de gênero, sexual ou étnica de "marcas" biológicas; o processo é, no entanto, muito mais complexo e essa dedução pode ser (e muitas vezes é) equivocada. (LOURO, 1999).



Vários autores discorrem sobre o estudo do corpo e dos corpos e sua relação com a violência, todavia neste artigo não será possível aprofundar o debate, que é intenso e extenso. Deve-se salientar o fato de que quase 40% (n=392) dos jovens e adolescentes relataram situações de violência nas redes sociais, envolvendo aspectos sobre seus corpos. Percebe-se nesse quesito uma maior frequência de apelidos e xingamentos relativos ao peso, altura, dentes, cabelos, etc, devido a imposição de um padrão normativo do corpo exigido e cada vez mais popularizado na mídia e nas redes sociais. O que foge do padrão imposto pela mídia chega a ser menosprezado e muitas vezes ridicularizado nas redes sociais, fato que ficou evidente nesta pesquisa.

Outro aspecto que destacou nos relatos dos estudantes foi a prática do *bullying* virtual envolvendo questões de raça/etnia. Oliveira (2004) traz o conceito de raça e de etnia, que, *grosso modo*, raça deveria ser um conceito biológico, enquanto etnia deveria ser um conceito cultural. Não sendo raça uma categoria biológica, etnia também se revela como um conceito que não é estritamente cultural, pois a delimitação de grupos étnicos parte de uma suposta alocação deles no conjunto dos grupos populacionais raciais sem abstrair a unidade do local de origem, e, para delimitar etnia, considera-se a concomitância de características somáticas (aparência física), linguísticas e culturais. Enfim, o conceito de raça é uma convenção arbitrária e pode ser enquadrada como uma categoria descritiva da antropologia, uma vez que é baseada nas características aparentes das pessoas. Portanto, o uso dos termos raça ou etnia está circunscrito à destinação política que se pretende dar a eles. (OLIVEIRA, 2004).

A violência relacionada a questões de raça/etnia apresentou um número significativo de relatos (n=140), e que também está ligada à categoria corpo, à padronização heteronormativa da beleza, que deve ser branca, loira, magra e lisa. Qualquer padrão de corpo que destoe desta norma é visto como inferior e está sujeito a desqualificações.

Um grande problema é que alguns agressores virtuais não tem a mínima noção da dimensão que seus atos podem inferir na vida das pessoas, até pelo fato de não terem uma resposta imediata, o que contribui para o desenvolvimento de uma frieza em suas ações virtuais. Fato, entretanto, é que diferente da violência homofóbica que não é considerada crime na legislação brasileiro, hoje o racismo é considerado crime, e agressões dessa natureza são passíveis de julgamento e penalização. Casos emblemáticos de racismo nas



redes sociais são cada vez mais comuns, como o caso de um casal étnico-discordante<sup>5</sup> que foram vítimas de injúrias raciais. A mídia televisiva também vem ultimamente destacando situações de racismo, particularmente registrados contra jogadores<sup>6</sup> de futebol e mais recentemente contra uma apresentadora<sup>7</sup> de telejornal em emissora de grande audiência nacional.

Apesar da relativa sensação de impunidade que pode falsamente transparecer, essas práticas já vêm sendo consideradas crimes como cita (ROCHA, 2012):

*Cyberbullying* é identificado com práticas criminais que, geralmente, envolvem: calúnia, ato de imputação falsa que ofende a reputação ou o crédito de alguém; difamação, que é levar ao conhecimento de outras pessoas fato ofensivo à reputação de alguém; injúria, ação de insultar, ofender a dignidade ou a honra de alguém; e ameaça que é ameaçar alguém pelas palavras, pela escrita, gestos ou qualquer outro meio simbólico de causar-lhe mal, injusto e grave. Todos os quatro aspectos estão previstos no Código Penal Brasileiro, nos artigos 138,139,140 e 147 com penas que variam de três a quatro anos de prisão e multa. (2012, p. 14).

Por fim, a última categoria emergente a partir dos relatos dos estudantes daquele território, referem-se a questões de violência e preconceito relacionados à classe social. Viana (2012) referenciando Marx, cita que com relação às classes sociais ocorre o seguinte processo: a produção material da sociedade era uma produção coletiva e que gerava uma apropriação coletiva dos bens produzidos e isto se rompe com o surgimento das classes sociais (senhor de escravos x escravos), pois uma classe social (a classe dominante) passa a dirigir o processo de trabalho executado pela outra (a classe produtora) e, devido a isto, passa a dirigir o processo de distribuição dos bens produzidos, adquirindo para si a maior parte dos bens e cedendo para a outra classe os meios necessários para sua sobrevivência, ou seja, para que ela continue a trabalhar em benefício da classe dominante.

Fato é que a questão da classe social frequentemente gera preconceito e violência dos extratos mais privilegiados para os extratos menos privilegiados. No Brasil essa questão é mais acentuada que em outros países, uma vez que o país foi historicamente construído

---

5 Jovem casal mineiro sofre racismo ao publicar foto no Facebook, Disponível em <http://odia.ig.com.br/noticia/brasil/2014-08-27/jovem-casal-mineiro-sofre-racismo-ao-publicar-foto-no-facebook.html> acesso em 16/07/2015.

6 Torcedora do Grêmio que chamou o goleiro Aranha de macaco é identificada. Disponível em <http://odia.ig.com.br/esporte/2014-08-29/torcedora-do-gremio-que-chamou-o-goleiro-aranha-de-macaco-e-identificada.html>. Acesso em 16/07/2015.

7 Maria Júlia Coutinho, a Maju, é vítima de comentários racistas no Facebook. Disponível em <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2015/07/maria-julia-coutinho-maju-e-vitima-de-racismo-no-facebook.html>. Acessado em 16/07/2015.

seguindo um paradigma escravagista. Neste estudo, 130 estudantes referiram casos de violência virtual envolvendo situação de classe, entre “rico x pobre”.

Este aspecto remete a outro ponto que merece atenção neste estudo, que é em relação à interseccionalidade das categorias emergentes. Grande número de estudantes que relataram preconceito de classe, também relataram concomitantemente violência racial, uma vez que as categorias muitas vezes se sobrepõem. Em outros casos, é comum haver sobreposição entre violência racial e contra o corpo. Portanto, o *cyberbullying* pode envolver distintos aspectos e não somente uma categoria específica, o que contribui para a potencialização do problema.

Todas essas categorias se configuram em desafios do desenvolvimento, vindo de encontro os pressupostos defendidos por Amartya Sen em sua obra “As Pessoas em Primeiro - A Ética do Desenvolvimento e os Problemas do Mundo Globalizado As pessoas em primeiro lugar constitui um verdadeiro manifesto contra as desigualdades que afligem os países em desenvolvimento. Amartya Sen trata de alguns dos temas-chave do novo século segundo seu pensamento econômico inovador, concentrando o foco nas iniquidades que atingem os sistemas de segurança social da maioria dos países. Segundo Sen, a solução passa pela reversão dos mecanismos de perpetuação da pobreza, da ignorância e da violência - um imperativo ético baseado na dignidade inalienável da pessoa humana. (SEM e KLIKSBERG, 2010).

### **Considerações finais**

As distintas modalidades de violência se configuram em um dos maiores desafios à agenda do desenvolvimento brasileiro. O país está entre os mais violentos do mundo, destacando-se alta prevalência de homicídios, de violência no trânsito, violência urbana, violência doméstica e violência homofóbica. Todavia, há outras modalidades de violência que são menos estudadas e visibilizadas, mas nem por isso são menos lesivas. A violência que ocorre nas escolas é uma delas, podendo acontecer presencialmente (denominada *bullying*) e também por meio da rede mundial (denominada *cyberbullying*, embora não exclusiva ao ambiente escolar). Todas essas manifestações, sem exceção, cerceiam as liberdades dos sujeitos, conforme explanado por Amartya Sen, tornando-se, portanto, desafios ao desenvolvimento humano, territorial e sustentável.

O *cyberbullying* é uma forma de violência intimamente ligada ao campo da comunicação, manifestando-se principalmente por meio das redes sociais, através de

agressões verbais e propagação de fotos/vídeos com intuito de expor/agredir outra pessoa. É necessário que o campo da comunicação reflita sobre o seu papel diante desse desafio, longe de determinismos, tal qual a censura, mas que se pense sobre a regulação e responsabilização dos praticantes dessa forma de violência.

A presente pesquisa revelou que quase metade dos estudantes jovens e adolescentes do território pesquisado já sofreu *bullying* virtual ou *cyberbullying*, majoritariamente ligado a questões: 1) de gênero, 2) do corpo, 3) de raça/etnia e 4) de classe social, aparecendo, muitas vezes, em intersecção. A etapa quantitativa complementa esses dados, ressaltando que a maioria não comunica o fato a pais, docentes ou responsáveis. Um dos fatores que se deve buscar trabalhar no ambiente escolar, visando o desenvolvimento, é a intervenção precoce. Ou seja, identificar o problema o mais rápido possível e tentar solucioná-lo, evitando as complicações e consequências, que podem ser fatais. Para isso, a escola precisa buscar estratégias para intervir, bem como os estudantes precisam confiar nos profissionais e se sentirem encorajados de fazerem as denúncias, assim enfraquecendo focos de violências.

A etapa qualitativa da pesquisa ainda evidenciou que as escolas pesquisadas não têm programas de prevenção, identificação e intervenção diante de situações de violência e que as vítimas clamam por campanhas e estratégias que envolvam maior comunicação e confiabilidade no ambiente escolar. A escola precisa acolher a vítima, não deixar ela se sentir culpada ou desprotegida e sim fortalecer a autoestima dos alunos, contribuindo para o desenvolvimento humano.

Segundo Reis e Dias, (2014) os meios comunicação cumprem um papel fundamental e estratégico podendo contribuir de maneira efetiva para mudanças de comportamento no ambiente escolar. Dentre as ferramentas de comunicação disponíveis para uma campanha de conscientização, incluem-se os programas de rádios, programas televisivos como: novelas, jornais, propagandas, desenhos animados, filmes; programas presenciais como: a promoção de eventos, palestras, folders explicativos; e virtuais como: redes sociais, blogs, páginas de internet. Tais coberturas midiáticas contribuem para uma maior visibilidade da problemática, muitas vezes velada nos ambientes escolares, trazendo a oportunidade de discutir, pensar e agir em projetos de intervenção que envolvam todos os alunos, docentes, funcionários, pais e sociedade em geral.

## REFERÊNCIAS

ADEODATO, V. G.; CARVALHO, R. R.; SIQUEIRA, V. R.; SOUZA, F. G. M. Qualidade de vida e depressão em mulheres vítimas de seus parceiros. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 108-113, fev. 2005.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa, Difel. (1989).

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Trad. C.A. MEDEIROS. Rio de Janeiro: Zahar, 2013

CEATS, Centro de Empreendedorismo Social e Administração em Terceiro Setor –; FIA, Fundação Instituto de Administração - (Org.). **Bullying escolar no Brasil: relatório final**. São Paulo, Sp: 2010. 108 p. Acesso em: 07 jul. 2013.

DESLANDES, S.F.; GOMES, R.; SILVA, C.M.F.P. Caracterização dos casos de violência doméstica contra a mulher atendidos em dois hospitais públicos do Rio de Janeiro. **Cad Saúde Pública**. v. 16, p.129-37, 2000.

ELIAS, Norbert. Os Alemães: **A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 1997.

ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric., *Quest for excitement, sport and leisure in the civilizing process. 1ª edição paperback*, Oxford, Blackwell, 1993.

GOMES, Luiz Flávio; SANZOVO, Natália Macedo; Coordenadores Aline Bianchini, Ivan Luís Marques, Luiz Flávio Gomes. **Bullying e prevenção da violência nas escolas: quebrando mitos, construindo verdades**. 1ª Edição São Paulo, Sp: Saraiva, 2013. 239 p. (Saberes Monográficos).

GOMES, Romeu; MINAYO, MC de S. **A análise de dados em pesquisa qualitativa**. Pesquisa social: teoria, método e criatividade, v. 23, p. 67-80, 1994.

LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado. Belo Horizonte: Autêntica, p. 50-65, 1999.

NJAINE, Kathie. **Violência na mídia e seu impacto na vida dos adolescentes—reflexões e propostas de prevenção sob a ótica da saúde pública**. 2004. Diss. Tese (Doutorado em Saúde Pública)—Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2004.

MALDONADO, Maria Tereza. **Bullying e Cyberbullying: o que fazemos com o que fazem conosco?**. 1ª Edição São Paulo, Sp: Moderna, 2011. 143 p.

MEDEIROS, M. C. Unidos contra a violência. In: CASTILLO-MARTÍN, M. & OLIVEIRA, S. **Marcadas a Ferro, violência contra mulher: uma visão multidisciplinar**. Brasília: Presidência da República/Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, p. 100-103, 2005.

MINAYO, M. C. D. S. Violência: um problema para a saúde dos brasileiros. In: SAÚDE, B. M. D. S. S. D. V. E. (Ed.). **Impacto da violência na saúde dos brasileiros**. Brasília: Ministério da Saúde, 2005. p.09-41.

MINAYO, M. C. de S. e SOUZA, E. R. de: 'Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva'. **História, Ciências, Saúde**— Manguinhos, IV(3): 513-531, nov. 1997-fev. 1998.

OLIVEIRA, Fátima. **Ser negro no Brasil: alcances e limites**. Estudos Avançados, v. 18, n. 50, p. 57-60, 2004.

PERES, M.F.T, CARDIA N, MESQUITA NETO P, SANTOS P.C, ADORNO S. Homicídios, desenvolvimento socioeconômico e violência policial no Município de São Paulo, Brasil. **Rev Panam Salud Publica**. v 23, n 4 p.268-276, 2008.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. França. São Paulo: Ática, 1993.

REIS, C.; DIAS, V. R. **O emprego da comunicação na prevenção à prática do bullying nas escolas de Blumenau (Brasil)**. Razón Y Palabra, v. 02, p. 01-17, 2014.

RIBEIRO, Wagner S. et al. Exposição à violência e problemas de saúde mental em países em desenvolvimento: uma revisão da literatura. **Rev Bras Psiquiatr**, São Paulo, v. , n. 31, p.49-57,. 2009

ROCHA, T. B. **Cyberbullying: ódio, violência virtual e profissão docente**. Brasília: Liber Livro, 2012.

RONDELLI, E., 1997. Mídia e Violência: Ação testemunha, práticas discursivas, sentidos sociais e alteridade. **Comunicação & Política**, 4: 141-160.

SACHS, I. **Ecodesenvolvimento: crescer sem destruir**. São Paulo: Vértice, 1986.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

SANTOS, P. L. D. et al. *Cyberbullying*: Um importante fenômeno atual. In: DORNELLES, V. G.; SAYAGO, C. W., et al (Ed.). **Bullying: Avaliação e Intervenção em Terapia Cognitivo-Comportamental**. Porto Alegre: Sinopsys, 2012. cap. 02, p.37-53.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Educação e realidade, Porto Alegre, v.16, n.2, jul./dez., 1990

SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**, São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

SEN, Amartya et al. As pessoas em primeiro lugar: a ética do desenvolvimento e os problemas do mundo globalizado. In: **As pessoas em primeiro lugar**: a ética do desenvolvimento e os problemas do mundo globalizado. Companhia das Letras, 2010.

VIANA, Nildo. A Alienação Como Relação Social. **Revista Sapiência: sociedade, saberes e práticas educacionais**, v. 1, n. 2, p. 23-42, 2012.

VILLAGÓMEZ, E. Los costes económicos y sociales de la violencia contra la mujer em Andalucía, España. In: CASTILLO-MARTÍN, M. & OLIVEIRA, S. **Marcadas a Ferro**: violência contra mulher - uma visão multidisciplinar. Brasília: Presidência da República / Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, p. 192-198, 2005.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2014: OS JOVENS DO BRASIL**. Brasília: Secretaria-geral da Presidência da República Secretaria Nacional de Juventude, 2014. 185 p.

WANZINACK, C. . **Violência de gênero no ambiente escolar**: Estudo territorial do litoral do paraná. In: ii seminário latino-americano de geografia, gênero e sexualidades, 2014, Porto Velho - Rondonia. Anais, 2014a.

WANZINACK, C. **Bullying e cyberbullying**: faces silenciosas da violência. In: SIERRA, J. C. e SIGNORELLI, M. C. (Ed.). Diversidade e Educação: intersecções entre corpo, gênero e sexualidade, raça e etnia. Matinhos: UFPR LITORAL, 2014b. cap. 1.4, p.67-82.

ZALUAR, Alba; LEAL, Maria Cristina. VIOLÊNCIA EXTRA E INTRAMUROS. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 16, n. 45, p.145-164, fev. 2001.

ZHOURI, Andréa; OLIVEIRA, Raquel. Desenvolvimento, Conflitos Sociais e Violência no Brasil Rural: o caso das usinas hidrelétricas. **Ambiente & Sociedade**, Campinas, v. x, n.2, p.119-135, jul.-dez, 2007.